

CAPÍTULO 21

(AUTO)REIFICAÇÃO E ALIENAÇÃO IDEOLÓGICA DOS “FUNCIONÁRIOS” DE DULCE MARIA CARDOSO

Data de submissão: 18/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<https://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

Monalisa Silva Soares

Faculdade Metropolitana

Ribeirão Preto – SP

<http://lattes.cnpq.br/7807537663834429>

(SELF)REIFICATION AND
IDEOLOGICAL ALIENATION OF
DULCE MARIA CARDOSO'S
“EMPLOYEES”

ABSTRACT: The “employees” are characters referenced in the first two novels by Dulce Maria Cardoso, a contemporary Portuguese writer. In our study, we aim to understand how the process of (self) reification of these “employees” takes place in the diegeses listed. In order to achieve our objectives, we will make use of the theoretical framework made up of texts by the following authors: Gérard Genette, Georg Lukács, Fritjof Capra, Louis Althusser and Marilena de Souza Chauí.

KEYWORDS: Literature. Sociology. Dulce Maria Cardoso. Employees.

RESUMO: Os “funcionários” são personagens assim referenciadas nos dois primeiros romances de Dulce Maria Cardoso, escritora portuguesa contemporânea. Almejamos, em nosso estudo, compreender como se dá o processo de (auto)reificação desses “funcionários” nas diegeses elencadas. A fim de alcançar nossos objetivos, faremos uso da baliza teórica constituída por textos dos seguintes autores: Gérard Genette, Georg Lukács, Fritjof Capra, Louis Althusser e Marilena de Souza Chauí.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Sociologia. Dulce Maria Cardoso. Funcionários.

1 | INTRODUÇÃO

Os “funcionários” são personagens assim referenciadas nos dois primeiros romances de Dulce Maria Cardoso – *Campo de sangue* (2018) e *Os meus sentimentos* (2012). Reduzidos à esfera laboral, tais personagens serão aqui tematizadas nas obras da referida escritora portuguesa contemporânea.

Nosso objetivo é apreender como se dá o processo de reificação dos ditos “funcionários”, pensando no conceito de Georg Lukács, em *Campo de sangue*. Outrossim, buscamos compreender como a autorreificação se desenvolve nos “funcionários” de *Os meus sentimentos*. É importante destacar que, apesar do processo de reificação dar-se de modos distintos nas diegeses, ele apresenta a mesma raiz, como veremos adiante.

A fim de alcançar nossos objetivos, contamos com o aparato teórico constituído por *Discurso da narrativa* (1986), de Gérard Genette, *História e consciência de classe* (2003), de Georg Lukács, *O ponto de mutação* (1982), de Fritjof Capra, *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado* (1970), de Louis Althusser e *O que é ideologia?* (1984), de Marilena de Souza Chauí.

2 | CORPUS

2.1 *Campo de sangue*

Trata-se de uma diegese de narrador majoritariamente heterodiegético que apresenta personagens inominadas, com exceção de Eva, ex-esposa do protagonista. O nome da única personagem nomeada ser bíblico não é nada acidental: os paratextos desta obra são repletos de referências bíblicas, como seu título e suas epígrafes frequentes.

A história gira em torno da ascensão da loucura do protagonista pelo simulacro da “rapariga bonita”, o que culmina no homicídio de uma mulher por ele desconhecida. Nesse sentido, o trecho abaixo permite que o leitor se familiarize com a perda de sanidade no que diz respeito ao simulacro supracitado:

(...) se não me tivessem agarrado talvez lhe encontrasse o coração, ela agora deve andar por aí com o buraco no peito, foi ela que me deu o coração, (...) mas afinal não é assim tão fácil tirá-lo, ela devia saber que era difícil arrancar-lhe o coração, ainda hoje a vi, a camisola não deixava ver o buraco no peito, mas era ela, continua a fugir-me, (...) ela há-de voltar para vivermos na casa nova como queria, um tapete à entrada, eu sei que um dia ela há-de voltar para mim. (Cardoso, 2018, p. 310).

No trecho, nota-se a insanidade do discurso do protagonista, a clara confusão entre metáfora e literalidade, a incapacidade de compreender os limites entre a vida e a morte e a continuidade da obsessão pela rapariga bonita.

O discurso de *Campo de sangue* é bastante fragmentado, misturando um narrador que é, majoritariamente, heterodiegético, com um capítulo (quando comemora o aniversário da mãe) muito semelhante ao estilo de *Os meus sentimentos* e, por fim, um capítulo pseudoautodiegético, se é possível dizê-lo, uma vez que o narrador heterodiegético dá voz ao protagonista, mas deixa claro antes, ao seu leitor, que se trata de um depoimento acerca do crime. Nesse sentido, *Campo de sangue* constitui certo embrião do caos discursivo que *Os meus sentimentos*, um verdadeiro quebra-cabeças, virá a ser.

2.2 Os meus sentimentos

Após um acidente automobilístico na rodovia que fez o carro de Violeta, narradora-protagonista, ficar de cabeça para baixo, a personagem vê – e narra – o que poderia ser seu último dia de vida, como se o visualizasse na gota que não desliza. Esse discurso fragmentado e caótico é entremeado pela história de sua vida: uma mulher obesa, mãe solo, considerada promíscua e rejeitada pela família.

O discurso fragmentado e caótico é constituído por um único período que perdura por 372 páginas, pontuado unicamente por vírgulas e que é interrompido por breves trechos graficamente isolados. Os trechos que interrompem a diegese têm funções variadas na narrativa, mas podemos destacar a função de relacionar o que está sendo narrado a uma memória passada, isto é, uma analepsis.

É interessante pontuar, ainda, que há quatro capítulos (do sete ao dez), dos onze que constituem a obra, em que Violeta projeta uma prolepsis inventada: imagina como seria seu resgate, velório e a continuidade da vida de Dora, sua filha, e Ângelo, seu meio irmão. Contudo, consideramos o teor desses capítulos – exceto o que é analepsis e diz respeito às memórias prévias da protagonista – como uma divagação de Violeta, uma vez que, após narrar sua própria morte, retoma a posição desconfortável no carro. Portanto, consideramos que Violeta está viva durante toda a narração.

3 I IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO

A fim de nortear nossa discussão acerca da (auto)reificação e da alienação ideológica e realizar o respectivo cotejo do *corpus* em pauta segundo essa apresentação teórica, consideramos importante fazer uma breve abordagem dos vocábulos “ideologia” e “alienação”. Contudo, faremos um breve parênteses autoral sobre o que acreditamos ser ideologia: ela, no contexto social, se reproduz em nível individual. Assim, a ideologia é constituída por ideias e/ou convicções veladas que se tornam naturais e são reproduzidas nas condições de vida do sujeito, inconscientemente, por meio da linguagem, da mesma forma que são determinadas socialmente.

Parênteses proposto, voltar-nos-emos, agora, ao dicionário Houaiss, disponível na plataforma on-line UOL. Segundo o dicionário, a palavra “ideologia” tem os seguintes significados possíveis:

substantivo feminino

1 FIL ciência proposta pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836) nos parâmetros do *materialismo iluminista*, que atribui a origem das ideias humanas às percepções sensoriais do mundo externo

2 p.ext.; FIL no *marxismo*, conjunto de ideias presentes nos âmbitos teórico, cultural e institucional das sociedades, que se caracteriza por ignorar a sua origem materialista nas necessidades e interesses inerentes às relações econômicas de produção, e, portanto, termina por beneficiar as classes sociais dominantes

3 p.ext.; FIL no *marxismo*, esp. o dos epígonos de Marx, totalidade das formas de consciência social, o que abrange o sistema de ideias que legitima o poder econômico da classe dominante (ideologia burguesa) e o conjunto de ideias que expressa os interesses revolucionários da classe dominada (ideologia proletária ou socialista)

4 p.ext.; soc sistema de ideias (crenças, tradições, princípios e mitos) interdependentes, sustentadas por um grupo social de qualquer natureza ou dimensão, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos <*i. conservadora, cristã, nacionalista*>

5 p.ext. conjunto de convicções filosóficas, sociais, políticas etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos <*sua i. identifica-se com a dos republicanos*>

Dentre os significados atribuídos, os que mais dialogam com nossa concepção de ideologia são os três últimos, isto é, o terceiro, o quarto e o quinto. Nesse sentido, a ideologia, para nós, simplificadamente, constitui como um conjunto de ideias e/ou convicções compartilhadas que servem para justificar os interesses dos grupos dominantes, sendo intimamente ligada ao conceito de poder, uma vez que os sistemas ideológicos servem para legitimar o poder e diferenciá-los dos grupos sociais dominados.

Assim, segundo nossa interpretação, essa relação entre classe dominante e dominada é o que propomos nomear como minoria psicológica. Esse termo se aplica quando ela – a minoria psicológica – se situa num quadro de dependência externa em relação ao grupo social dominante, bem como se origina da sua submissão a ele. Nesse sentido, aqui, o termo *minoria* por nós elencado na expressão “minoria psicológica” não diz respeito a uma minoria numérica, mas sim a um grupo que se encontra em posição de inferioridade social devido aos marcadores sociais da diferença¹. Desse modo, a maioria numérica – que constitui a minoria psicológica e a classe dominada – tem seus direitos civis constantemente violados por essa dinâmica dominante/dominado.

Novamente, antes de inserir o significado proposto pelo dicionário Houaiss para “alienação”, faremos uma breve digressão autoral sobre nossa concepção acerca da alienação. Segundo nossa perspectiva, o sujeito alienado é aquele que não questiona criticamente as determinações sociais impostas que estão por trás de seu comportamento. Isto é, o alienado é aquele que não tem consciência das regras sociais que são estabelecidas e/ou de que estas deveriam ser, muitas vezes, questionadas. Nesse contexto, ser um sujeito ativo ou passivo da História dependerá da tomada de consciência das regras e normas sociais impostas por determinado período social e do seu pensamento crítico em questioná-las quando julgar necessário.

Voltando-nos, agora, ao dicionário Houaiss, ao vocábulo “alienação”, são atribuídos os seguintes significados:

1 “A expressão “marcadores sociais da diferença” transformou-se, assim, numa maneira de denominar essas diferenças socialmente construídas e cuja realidade acaba por criar, com frequência, derivações sociais, no que se refere à desigualdade e à hierarquia.” (SCHWARCZ, 2019, p. 11)

substantivo feminino

- 1 JUR transferência para outra pessoa de um bem ou direito *«a. de uma propriedade»*
- 2 estado resultante do abandono ou privação de um direito natural *«a. da liberdade»*
- 3 fig. fato de ceder ou perder; renúncia, desprendimento *«a. de um direito»* *«a. dos bens naturais»*
- 4 FIL no *hegelianismo*, processo em que a consciência se torna estranha a si mesma, afastada de sua real natureza, exterior a sua dimensão espiritual, colocando-se como uma coisa, uma realidade material, um objeto da natureza
- 5 FIL, POL no *marxismo*, processo em que o ser humano se afasta de sua real natureza, torna-se estranho a si mesmo na medida em que já não controla sua atividade essencial (o trabalho), pois os objetos que produz, as mercadorias, passam a adquirir existência independente do seu poder e antagônica aos seus interesses cf. **reificação** (FIL POL)
- 6 p.ext.; *infrm.* indiferença aos problemas políticos e sociais
- 7 p.ext. desorientação quanto ao comportamento e às convicções pessoais; sensação de absurdo existencial

Dos sete significados atribuídos à palavra “alienação”, destaca-se os quatro últimos que, neste caso, figuram os significados quatro, cinco, seis e sete. Assim, para nós, grosso modo, a alienação é o estado de ignorância que o sujeito pode vivenciar quanto ao seu contexto social e individual, em especial na sua esfera laboral.

4 I REIFICAÇÃO E AUTORREIFICAÇÃO

A priori, embasar-nos-emos no conceito de reificação de Georg Lukács. A discussão do autor é apresentada em sua obra supracitada, cujo subtítulo é “Estudos sobre a dialética marxista”. Desse modo, dentre as considerações de Lukács sobre a reificação, destacamos o trecho abaixo como norteador de nossa concepção deste conceito:

A quantificação dos objetos e o fato de serem determinados por categorias abstratas da reflexão manifesta-se na vida do trabalhador diretamente como um processo de abstração, que se efetua nele próprio, que o separa de sua força de trabalho, obrigando-o a vendê-la como uma mercadoria que lhe pertence. Ao vender essa sua única mercadoria, e visto que ela é inseparável de sua pessoa física, o trabalhador insere a si mesmo e a ela num processo parcial, produzido mecânica e racionalmente, que ele já descobriu pronto, acabado e funcionando sem ele, e no qual ele é inserido como mero número reduzido a uma quantidade abstrata, como um instrumento específico mecanizado e racionalizado.

Desse modo, para o trabalhador, o caráter reificado da manifestação imediata da sociedade capitalista é levado ao extremo. (Lukács, 2003, p. 336).

No trecho, o autor descreve como se dá o processo de reificação quando o sujeito se submete ao sistema capitalista, forçado a vender sua única mercadoria – sua força

de trabalho – para ter um modo de subsistência. É este o reflexo da sociedade ocidental hodierna, ainda que a primeira publicação deste texto seja advinda do século XX.

Partindo para o cotejo do conceito no *corpus*, em *Campo de sangue*, a reificação se dá, principalmente, pela aparência indistinta dos “funcionários”:

Um funcionário entra batendo com a porta e as quatro mulheres assustam-se. O funcionário não é o mesmo que detectou o problema da identificação nem o que as identificou. É outro, mas parece-se com os dois primeiros que também são parecidos entre si. (Cardoso, 2018, p. 115).

Ideologicamente determinado estes funcionários são vistos como coisas, pois são todos iguais. Sobre tal processo, Chauí dispõe que:

A ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos. Ora, a partir do momento em que a relação do indivíduo com sua classe é a da submissão a condições de vida e de trabalho pré-fixadas, essa submissão faz com que cada indivíduo não possa reconhecer-se como fazedor de sua própria classe. Ou seja, os indivíduos não podem perceber que a realidade da classe ocorre da atividade de seus membros. Pelo contrário, a classe aparece como uma coisa em si e por si e da qual o indivíduo se converte numa parte, quer queira, quer não. Em uma fatalidade do destino. A classe começa, então, a ser representada pelos indivíduos como algo natural (e não histórico), como um fato bruto que os domina, como uma “coisa” onde vivem [...] (Chauí, 1984, p. 30).

O questionamento que fica é: os “funcionários” se apresentam como neutros no ambiente em pauta ou as pessoas por eles servidas os percebem todos iguais? Ou, ainda, ambas as possibilidades são reais? Percebe-se, na diegese, que a afirmativa pertence à última pergunta.

Nesse sentido, o paralelo entre os “funcionários” e as demais personagens do romance – as quatro mulheres com quem interagem – pode ser interpretado como um microcosmo do sistema capitalista. Destarte, quem possui algum tipo de poder no contexto em pauta tende a apagar e/ou reificar os sujeitos que operam neste sistema – como os “funcionários” em *Campo de sangue*.

Já em *Os meus sentimentos*, a autorreificação ocorre com a vida que os funcionários imaginados por Violeta têm, a começar pelo único que ela sabe que existe, que é o que a atendeu de modo ríspido enquanto ela aguardava com anseio os compradores da casa de seus pais:

[...] o funcionário até podia admitir que detesta o que faz se isso não o revoltasse mais, não fosse a troca do apartamento, o carro novo da mulher, o computador da filha mais velha, o infantário do mais pequeno, as férias de verão, e ninguém o obrigava a levantar-se cedo para se sentar a uma secretária a recolher informações enfadonhas sobre anônimos tão enfadonhos como as informações a que dão origem, o funcionário ficava a dormir todas as manhãs ou partia num cargueiro e dava a volta ao mundo, quando era novo sonhou com isso [...]. (CARDOSO, 2012, p. 111)

Em seguida, divaga sobre o chefe desse funcionário:

[...] o chefe do funcionário aborrece-se com os pedidos de crédito monótonos que anónimos igualmente monótonos fazem, não fosse a casa de férias, o monovolume novo, o patrocínio do filho velejador, as viagens da filha poliglota, e ninguém o obrigava a levantar-se todas as manhãs para se enfiar neste gabinete, apesar da secretária e da cadeira regulável, do computador mais potente e da central telefónica, o chefe do funcionário dedicava-se à agricultura biológica, em novo quis ser agricultor e preocupa-se com os nitratos nos legumes, o chefe do funcionário assina os pedidos de crédito e coloca-os em pastinhas com capas transparentes [...]. (CARDOSO, 2012, p. 112).

Por fim, imagina a vida do chefe do chefe do funcionário pelo qual foi atendida:

[...] também o chefe do chefe do funcionário está maçado com os pedidos de crédito fastidiosos que anónimos igualmente fastidiosos fazem, não fosse o chalezito na neve, a casa num condomínio de luxo, a estada em Londres da filha mais velha, a especialização do filho do meio nos EUA, a mania do mais novo de ser artista, os carros de todos, as motos de todos, os cigarros e as bebidas de todos, as vaidades de todos, ah, os fins de semana com a amante em Nova Iorque, e ninguém o obrigava a levantar-se todas as manhãs para se enfiar num gabinete com uma vista tão acanhada [...] / a quantidade de coisas de que as pessoas se convencem que precisam / [...] (CARDOSO, 2012, p. 112-113).

A reflexão final de Violeta é um modo refinado de expor a crítica à necessidade de manutenção de um padrão de vida cada vez mais elevado, mesmo que o preço a pagar seja abdicar de seus sonhos e vender sua mão de obra. Consequentemente, esses “funcionários” são vistos como peças operantes no sistema bancário de que fazem parte. Desse modo, praticam autorreificação.

Logo, há um processo de perda de identidade sofrido por essas personagens referenciadas como “funcionários”, pois não possuem nome próprio, distinções físicas e/ou qualquer outro elemento que seja capaz de os diferenciar.

5 | LITTLE TRAMP E OS “FUNCIONÁRIOS”

A princípio, é importante ressaltar que, em *Campo de sangue*, apesar de apenas a ex-esposa (Eva) ser nomeada no romance, as outras mulheres são referenciadas pelo narrador segundo sua função na vida do protagonista, como a mãe e a senhoria, e a rapariga bonita segue sendo referenciada segundo o simulacro que é para o homicida. Todavia, os “funcionários”, assim referenciados, têm seu nome reduzido à sua esfera laboral. Isso também ocorre em *Os meus sentimentos*, uma vez que Violeta não nomeia os funcionários sobre os quais divaga na agência bancária em que aguarda o notário e os compradores da casa de seus pais.

A redução do sujeito ao seu contexto de trabalho nas diegeses pode ser relacionada ao clássico *Tempos modernos* (1936), filme de Charlie Chaplin. A fim de denunciar a

exploração do sujeito e sua redução à esfera laboral, a personagem interpretada por Chaplin é nomeada de *Little Tramp* (O Vagabundo). Isto é, por não ser totalmente submisso ao sistema e, por vezes, confrontá-lo – como quando o operário vai ao banheiro fumar um cigarro e é repreendido – essa personagem é insubmissa e sua alcunha, ou seja, como é referenciado na diegese filmica é uma referência a esse aspecto de seu comportamento.

A crítica de Chaplin ao Capitalismo e ao contexto trabalhista das linhas de montagem pós-Revolução Industrial é escrachada num nível tragicômico, como é possível observar no episódio da máquina que tem o objetivo de alimentar os funcionários enquanto eles trabalham. O absurdo é tão explícito que chega a causar riso o que, na realidade, é muito triste.

Já nos “funcionários” das diegeses que constituem nosso *corpus*, há um movimento de resignação. No caso dos de *Campo de sangue*, os “funcionários” resignam-se por aceitarem a limitação de seus poderes dentro da instituição em que trabalham. Por sua vez, os “funcionários” de *Os meus sentimentos* resignam-se pela submissão ao padrão de vida que querem manter e, por tal padrão, vendem suas habilidades humanas para tornar-se parte de um sistema.

Por fim, a crítica do narrador de cada uma das narrativas de Dulce Maria Cardoso, no que diz respeito aos “funcionários”, apesar da associação que apontamos com a obra de Chaplin, se trata de uma crítica mais sutil, que depende de um leitor ativo e crítico que seja capaz de apreender a ideia que está exposta na diegese em voga.

6 | O MODELO BIOMÉDICO: UMA ANALOGIA POSSÍVEL

A comparação entre os “funcionários” das diegeses cardosianas e o *Little Tramp* de Chaplin remete a ideia de pessoas vistas como máquinas e tal conceito, por sua vez, remete à noção do modelo biomédico do sujeito. Tal modelo é explicado pelo físico austríaco Fritjof Capra (1982, p. 60):

O modelo biomédico está firmemente assente no pensamento cartesiano. Descartes introduziu a rigorosa separação de mente e corpo, a par da ideia de que o corpo é uma máquina que pode ser completamente entendida em termos da organização e do funcionamento de suas peças. (...) Obedecendo à abordagem cartesiana, a ciência médica limitou-se à tentativa de compreender os mecanismos biológicos (...). Esses mecanismos são estudados (...) deixando de fora todas as influências e circunstâncias não-biológicas sobre os processos biológicos. Em meio à enorme rede de fenômenos que influenciam a saúde, a abordagem biomédica estuda apenas alguns aspectos fisiológicos (...). De fato, essa prática, hoje em dia, causa frequentemente mais sofrimento e doença (...). Isso não mudará enquanto a ciência médica não relacionar seus estudos dos aspectos biológicos da doença com as condições físicas e psicológicas gerais do organismo humano e seu meio ambiente.

Apesar de a perspectiva de Capra ser dos anos 1980 e hoje a medicina integrativa estar mais em voga, ainda encontramos certa resistência da ciência médica em ver o

indivíduo considerando seus contextos possíveis.

Assim, propomos uma analogia entre o modelo biomédico e o que seria um modelo contextualizado – que enxerga o ser em sua totalidade, isto é, como sujeito biopsicossocial – e os “funcionários”, reduzidos ao aspecto laboral nas diegeses elencadas e os sujeitos sociais que de fato são, individual e subjetivamente, por trás da máscara da (auto)reificação. Em outras palavras, o modelo biomédico está para os “funcionários” reduzidos à esfera trabalhista, enquanto o modelo contextualizado está para os sujeitos sociais que essas personagens são por trás dessa referenciação diegética reducionista.

Quando reduzidos ao trabalho, esses sujeitos são referenciados como “funcionários”, pequenas máquinas microcósmicas do proletariado, isto é, do sistema capitalista. Em *Campo de sangue*, os sujeitos são submetidos a esse sistema, isto é, são reificados. Em *Os meus sentimentos*, nas divagações de Violeta, os sujeitos se submetem a essa lógica, castrando os próprios sonhos juvenis em prol de manter um padrão de vida que prioriza o ter em relação ao ser.

Nesse sentido, a primeira diegese apresenta “funcionários” reificados e vistos como máquinas pelo sistema em que operam; a segunda traz “funcionários” que se reificam, se transformam em máquinas para custear o padrão de vida que o sistema permite que eles tenham. Ambos estão presos ao modelo biomédico, ninguém alcançou a retirada da máscara e a vivência integrativa como sujeito social. Isso acontece porque a raiz da reificação e da autorreificação é a mesma: a ideologia.

7 | A IDEOLOGIA COMO RAIZ DA (AUTO)REIFICAÇÃO

Com o objetivo de avançar nos estudos de Marx acerca do Aparelho do Estado, Louis Althusser (1970, p. 41) nomeia esse último de “Aparelho repressivo do Estado”, que é formado pelas instituições que operam por meio da violência. Exemplos são o governo, a polícia e as prisões.

Já os chamados Aparelhos Ideológicos do Estado (doravante AIE), para Althusser, são constituídos, por sua vez, pelas instituições especializadas, como religião, escola, família, política informação e cultura. Tais instituições são privadas e funcionam por meio da ideologia. Logo, elas seguem a ideologia da classe dominante.

Como consequência, o sujeito que não faz parte da classe dominante, mas pertence a um AIE que segue a ideologia dessa classe, se alienará segundo os preceitos dessa ideologia por meio do veículo ideológico que o AIE se torna nessa situação. Um exemplo comum são fiéis pobres associados a religiões (AIE) que seguem a ideologia da classe dominante (exemplo: ideologia política que desfavorece os pobres) passarem a propagar tal ideologia, de modo alienado e alienante, devido ao AIE a que pertencem.

Assim, a ideologia é a raiz dos processos de reificação e autorreificação. Em *Campo de sangue*, temos a crença dos “funcionários” em seu poder limitado na instituição, de que

são desimportantes e é justamente essa crença, essa alienação ideológica que permite sua reificação: “Na sala as três mulheres continuam à espera mas já se cansaram de se evitarem umas às outras. O funcionário, o que só está ali para cumprir ordens, entra com a senhoria.” (Cardoso, 2018, p. 79, grifo nosso). O trecho em evidência deixa claro que o funcionário sabe sua posição e crê na sua desimportância, o que abre espaço para que seja reificado. Ainda, temos o trecho abaixo:

A ex-mulher acende outro cigarro e fica com o isqueiro aceso na mão a contemplar a chama trémula. O funcionário diz, desculpe, a senhora não pode fumar, são ordens que tenho. A ex-mulher responde com displicência que as ordens são feitas porque há sempre alguém disposto a desobedecer e continua a fumar. *O funcionário vai-se embora descansado porque cumpriu o seu dever, o resto já não é com ele.* (Cardoso, 2018, p. 43, grifo nosso)

O trecho por nós colocado em destaque demonstra a resignação deste funcionário: após repreender Eva, não lhe interessa o desfecho da situação, porque já cumpriu seu papel. Esse é o *habitat* perfeito para que a reificação se instale: funcionário todos iguais, com funções limitadas e desimportantes e/ou até mesmo dispensáveis. Suas habilidades humanas são utilizadas sim, mas de modo que eles pensem ser instrumentalizados e/ou facilmente substituíveis, pois entendem que são vistos como peças operantes da instituição psiquiátrica onde trabalham.

Em *Os meus sentimentos*, por sua vez, no que tange à alienação ideológica que leva à reificação, não trataremos dos “funcionários”, mas excepcionalmente da criada da família de Violeta, cujo nome é Maria da Guia:

(...) a farda que se esgarça num quarto alugado, não mais que cinco metros quadrados, quando por lá passo, o que faço raramente, só quando não tenho mesmo nada para fazer e me apetece falar com um tecido esfiapado, casas sem botões, duas mangas que se mexem com dificuldade / a menina desculpe isto ser tão acanhado / quando põem água a ferver para o chá, a menina desculpe esta cafeteira de alumínio, e me oferecem bolachas de pacote, a menina desculpe estas bolachas, de vez em quando faz um sorriso impossível já que as fardas não sorriem, talvez por isso, a menina desculpe fico tão contente por a ver, se calha a verter duas lágrimas de emoção, uma impossibilidade dado que as fardas não choram, a menina desculpe, a Maria da Guia continua a pedir desculpa naquele tom muito específico apesar de definhar num quarto cheio de bolor, um chiar constante, a menina desculpe mas estou pior da asma, a Maria da Guia que teve o azar de sobreviver aos donos, (...) (Cardoso, 2012, p. 189-190).

No trecho, é possível perceber que Violeta se refere mentalmente à criada com a metonímia “farda”, reduzindo Maria da Guia à sua esfera laboral, e o faz, aparentemente, porque Maria da Guia não perdeu seu comportamento serviçal, mesmo após deixar o posto de servente de Maria Celeste. Violeta chama seus pais de “donos” de Maria da Guia, não patrões, revelando uma relação laboral abusiva, o que é confirmado no trecho: “assunto desagradável da tonta da criada apaixonada por um comunista resolvido com uma

bofetada na cara da Maria da Guia” (Cardoso, 2012, p. 206). Logo, não havia respeito à subjetividade ou mesmo espaço a ela no contexto em que vivia Maria da Guia na casa dos pais de Violeta.

Portanto, a manutenção do aspecto serviçal e a incapacidade de ver-se livre do contexto laboral abusivo por parte de Maria da Guia pode ser associada à alienação ideológica que ocorre quando o sujeito não pertencente à classe dominante adere às ideologias desta classe propagadas por um AIE do qual o sujeito possivelmente faça parte. No caso de Maria da Guia, a servente parece acreditar ter integrado, no passado, o seio da família de Violeta. Tal instituição figura um AIE que, propagando o conservadorismo e hierarquia entre patrões e empregados, apesar do discurso hipócrita de que esses últimos seriam parte da família, aliena ideologicamente Maria da Guia, que segue alheia à verdade sobre sua história e seu sofrimento.

8 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, o cotejo dos romances *Campo de sangue* e *Os meus sentimentos* se deu por meio dos caminhos associados a percursos mais distantes da literariedade. Ela ficou reservada apenas à discussão acerca da fragmentação discursiva, cuja baliza teórica foi, evidentemente, a narratologia de Genette.

Nesse sentido, o que deu vida aos “funcionários” de Dulce Maria Cardoso em nosso estudo foi a ideia de reificação – e nossa aplicabilidade como autorreificação – de Georg Lukács, a comparação entre essas personagens e o icônico *Little Tramp* de Charlie Chaplin, a analogia entre os “funcionários” e o modelo biomédico discutido por Fritjof Capra e, por fim, a compreensão da raiz da (auto)reificação na ideologia e alienação em nossa leitura de “Os Aparelhos Ideológicos do Estado” apresentados por Louis Althusser e *O que é ideologia*, de Marilena Chauí. Desse modo, percorremos caminhos multidisciplinares para apreender a complexidade dos discursos dessas personagens referenciadas de modo tão diminuto e reduzidos nas narrativas, sempre buscando entender as particularidades de cada diegese que constitui nosso *corpus*.

Portanto, como dito anteriormente, sendo a (auto)reificação comparável a uma máscara, nosso estudo pretendeu libertar essas personagens – os “funcionários” – do eterno palco da tragédia grega, que culmina na catarse do público, permitindo-lhes participar, também, de uma peça épica, isto é, de uma dinâmica que permite que a plateia adquira perspectiva crítica acerca dos acontecimentos do palco. Nesta analogia de Sófocles a Brecht, buscamos demonstrar que, a priori, almejamos que os “funcionários” da vida extradiegética sejam percebidos por nós enquanto sujeitos de direitos e deveres e que assim possamos averiguar, no discurso implícito, as determinações sociais que reduzem e objetificam corpos, quereres, vontades, desejos e vivencias.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDOSO, D. M. Entrevista a Gustavo Bom. Dulce Maria Cardoso: O que me fez pensar no que estamos aqui a fazer foi o olhar de um cão. **Diário de Notícias**. 17 ago 2016. Disponível em: <http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/dulce-maria-cardoso-o-que-me-fez-pensar-no-que-andamos-aqui-a-fazer-foi-o-olhar-de-um-cao-5342457.html>. Acesso em: 31 maio 2024.
- _____. **Campo de sangue**. Lisboa: Tinta-da-China, 2018.
- _____. **Os meus sentimentos**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2012.
- CHAPLIN, C. **Tempos modernos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RLkK4w671co&ab_channel=PaiNetShop. Acesso em: 31 maio 2024.
- CHAUÍ, M. S. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1986.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SCHWARCZ, M. K. M. Prefácio. In: HIRANO, L. F. K. et al. (Orgs.). **Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intesecções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.